

A filosofia da ficção flusseriana à luz da fenomenologia alienígena

Thiago Mittermayer¹

Resumo: O artigo apresenta as ideias principais da filosofia da ficção de Vilém Flusser. A delimitação da ficção por Flusser visa possibilitar uma fundamentação teórica para que um confronto entre a ficção flusseriana e os estudos do realismo especulativo se tornem possíveis, especialmente quando se trata de aproximar a obra *Vampiroteuthis Infernalis*, de Flusser, da *Fenomenologia Alienígena*, de Ian Bogost. A ficção é discutida na ciência, cultura, filosofia, literatura, política, dentre outras. É um conceito plural e diversificado que assume diferentes conotações em diferentes áreas. E é neste terreno nebuloso que Flusser demarca a ficção, interligando filosofia, literatura, comunicação e ciência. De Flusser e Bogost, o artigo estende as suas reflexões para as pesquisas de Erick Felinto, Gustavo Bernardo, Lucia Santaella e Markus Schäffauer.

Palavras-chave: Vilém Flusser. Ian Bogost. Ficção. Realidade. Fenomenologia alienígena.

Flusser's philosophy of fiction in light of alien phenomenology

Abstract: The paper presents the main ideas of Vilém Flusser's philosophy of fiction and confronts it with some recent philosophical positions of Speculative Realism, drawing parallels, in particular, between Flusser's *Vampiroteuthis Infernalis* and Ian Bogost's *Alien Phenomenology*. The concept of fiction has been discussed in science, culture, philosophy, literature, politics, among others; it is a plural and variegated concept with different connotations in different areas. It is in this nebulous terrain that Flusser demarcates fiction, linking it to philosophy, literature, and communication studies. From Flusser and Bogost, the paper extends its reflections to Erick Felinto, Gustavo Bernardo, Lucia Santaella and Markus Schäffauer.

Keywords: Vilém Flusser. Ian Bogost. Fiction. Reality. Alien Phenomenology.

¹ Thiago Mittermayer é doutorando em Tecnologias da Inteligência e Design Digital, PUC-SP. Nesse programa de pós-graduação obteve o título de mestre (2016) com a dissertação: *Narrativa transmídia: uma releitura conceitual e prática sob orientação de Lucia Santaella*. É graduado (2014) em Tecnologia e Mídias Digitais pela PUC-SP e é integrante dos grupos de pesquisa [Sociotramas](#) e [TransObjeto](#). E-mail: thimitter@gmail.com.

Introdução

O objetivo do presente texto é delimitar o conceito de ficção formulado por Vilém Flusser. Para isto utilizaremos o artigo *Da ficção* (1966a) e o livro *Vampiroteuthis Infernalis* (2011). Além dos textos do filósofo, exploraremos os pontos de vista de Schöffauer (2011), Felinto e Santaella (2012) e Krause (2008) a respeito da ficção flusseriana e de outros conceitos circunvizinhos. Após demarcar o significado de ficção e realidade em Flusser, aproximaremos essas noções da fenomenologia alienígena projetada por Ian Bogost (2012) nos estudos do realismo especulativo. Esperamos que o presente artigo ofereça uma fundamentação teórica para que o confronto entre ficção flusseriana e fenomenologia alienígena se torne possível.

A qualidade da ficção está em ser plural, ou seja, a ficção é uma concepção multifacetada, pois assume diferentes significados em várias áreas, isto porque as conotações são tantas que passam a se entrecruzar e a ganhar complexidade. A ficção é discutida na filosofia, ciência, arte, cultura, literatura, comunicação, política e por aí vai. Krause (2008, p. 126) diz que “o poeta experimenta a ficção como a matéria-prima com a qual ele constrói a sua verdade. [...] O cientista experimenta a ficção da hipótese como seu instrumento para também se aproximar da verdade”. E é nesse contexto que Flusser define o seu próprio conceito de ficção, Krause (ibid.) recorda que Flusser “percorre todas essas concepções e conotações para tentar entender como pensamos o que pensamos e por que, para pensar o mundo, precisamos inventá-lo ou reinventá-lo através das diferentes ficções”.

A pertinência deste artigo não está apenas em pensar o que é a ficção flusseriana, mas sim em relacionar esse conceito com as questões do realismo especulativo. Felinto e Santaella (2012) comentam que a reflexão flusseriana é mais que inter ou transdisciplinar. Para os autores (ibid., p. 14) o pensamento de Flusser “se entregava ao risco e ao fascínio com a multiplicidade do mundo, não se fixando em parte alguma”.

Santaella (2013a, p. 1) afirma que Flusser é um pensador visionário, pois tal tipo de pensador é “aquele que pensa para o futuro e que, conseqüentemente, fica, de certo modo, desalojado no seu próprio tempo”. Já Krause (2008, p. 132) classifica

Flusser como um filósofo-poeta que busca um “estilo de pensar e escrever que explicita sua condição especulativa para melhor provocar e desdobrar novos pensamentos”. Essas classificações ficam nítidas quando consultamos o vasto diagrama conceitual deixado pelo filósofo. Os textos de Flusser são enigmáticos, pois antecipa muitas das questões da contemporaneidade e isso de forma crítica e poética. A título de exemplo temos o artigo *Da ficção* escrito pelo ele em 1966.

O artigo enigmático *Da ficção*

Se digo “ficção é realidade”, afirmo a relatividade e equivalência de todos os pontos de vista possíveis.
Vilém Flusser (1966, s/p).

A epígrafe acima, formulada por Flusser (1966a, s/p) no artigo *Da ficção*, sintetiza bem o pensamento ímpar do filósofo a respeito da controvérsia que envolve ficção e realidade. Nesse artigo, o ponto de partida de Flusser é a reflexão da contradição que existe entre as sentenças “minhas hipóteses não são inventadas” de Isaac Newton e “as ciências nada descobrem: inventam” de Ludwig Wittgenstein. Para Flusser (ibid.), o contraste entre as frases “desvenda uma profunda modificação do nosso conceito” de ficção e realidade.

Após comentar que a discussão do real e do ficcional acompanha o transcurso do pensamento, Flusser argumenta que muitos pensadores vivenciam o mundo como ficção. Nas palavras do autor (ibid.) para “Platão (*vemos apenas sombras*); Cristianismo medieval (*o mundo é uma armadilha montada pelo diabo*); Renascimento (*o mundo é um sonho*); Barroco (*o mundo é teatro*); Romantismo (*o mundo é minha representação*); Impressionismo (*o mundo é como se*)”. O mais interessante é Flusser identificar que todos esses exemplos citados concebem o mundo como ficção a partir de uma comparação com alguma realidade. Por exemplo, para “Platão as sombras que vemos contrastam com a realidade das ideias. [...] Para o renascentista o sonho dos sentidos contrasta com a realidade despertada do pensamento”.

Entretanto, o que diferencia a ficção flusseriana das anteriores é que para ele “não há termo de comparação para a ficção que nos cerca”. Ele (ibid.) postula que “a ficção é a única realidade” e que essa sentença pode parecer sem sentido, pois contrapõe os significados de ficção e realidade. Mas isso acontece somente se as

definições de ficção e realidade forem restritas. Em outras palavras, pensar na ficção apenas como não-realidade, e realidade como mera não-ficção acaba por gerar um significado absurdo, sem sentido e até louco para a frase: “A ficção é a única realidade”. Para Flusser, esse jogo de reflexões integra uma das questões da ontologia.

Portanto, o conceito de ficção em Flusser vai muito além de uma simples diferenciação da dicotomia ficção-realidade, da elementar oposição entre realidade e ficção, descoberta e invenção, dado e posto. Para explicar o seu conceito de ficção, Flusser (ibid.) toma como exemplo sua própria mesa:

É uma tábua sólida sobre a qual repousam os meus livros. Mas isto é ficção, como sabemos. Essa ficção é chamada “realidade dos sentidos”. A mesa é, se considerada sob outro aspecto, um campo eletromagnético e gravitacional praticamente vazio sobre o qual flutuam outros campos chamados “livros”. Mas isto é ficção, como sabemos. Essa ficção é chamada “realidade da ciência exata”. Se considerada sob outros aspectos, a mesa é produto industrial, e símbolo fálico, e obra de arte, e outros tipos de ficção (que são realidades nos seus respectivos discursos). A situação pode ser caracterizada nos seguintes termos: do ponto de vista da física é a mesa aparentemente sólida, mas, na realidade oca, e do ponto de vista dos sentidos é a mesa aparentemente oca, mas sólida na realidade vivencial e imediata (FLUSSER, 1966a, s/p).

Então, quando Flusser afirma que “ficção é realidade”, o que ele quer enfatizar é a relatividade e a equivalência das diferentes linhas de raciocínio existentes entre o ficcional e o real. Diante disso, Flusser recorre ao estudo dos fenômenos para entender o que resta da contemplação da essência da mesa. Se a mesa é a soma dos diversos pontos de vista, então, a “realidade da mesa é a soma das ficções que a modelam. A realidade é o ponto de coincidência de ficções diferentes. E se eliminarmos essas ficções fenomenologicamente, como camadas de uma cebola, restaria aquilo que resta na cebola: nada”, escreve Flusser (ibid.).

No seu livro *Da religiosidade* (1967), Leão (1999, p. 29) recorda que Flusser escreve o seguinte: “O senso da realidade é, sob certos aspectos, sinônimo de religiosidade. Real é aquilo em que acreditamos”. De volta ao artigo *Da ficção* (1966a), a realidade é definida pelas projeções das ficções. O filósofo observa que a mesa é uma somatória de ficções e a realidade seria o outro lado desta. Logo, se a mesa é ficção nós, inventores da mesa, somos realidade.

Markus Schöffauer (2011, p. 229) completa que as ficções da mesa, sobrepostas por Flusser como camadas de cebola, “formam juntas uma realidade complexa na qual não existe nenhum núcleo a ser libertado desta complexidade, ou seja, não existe nada que mantenha as camadas unidas no interior ou que permita determinar a verdadeira substância da cebola, da mesa ou da coisa”.

Flusser (1966a, s/p) argumenta que “somos reais apenas em função da mesa, ou de um objeto equivalente. Sem objeto qualquer, somos mera ficção, mera virtualidade”. E é entre o objeto e o sujeito que Flusser delimita o seu conceito de ficção:

Pois bem, e se a realidade não está nem no objeto, nem no sujeito, talvez então se encontre na relação entre ambos? Na bipolaridade? No predicado que une sujeito e objeto? Tanto sujeito como objeto são ficções, de acordo. Mas a realidade está na relação entre ambos. O conhecedor e o conhecido são ficções, de acordo. Mas o conhecimento é realidade. O vivo e o vivido são ficções, de acordo. Mas a vivência é realidade. Muito bem, mas se há tantas relações quanto pontos de vista? Se a mesa é conhecimento meu enquanto tábua sólida e enquanto campo vazio? Ambos os conhecimentos são realidade. São ontologicamente equivalentes. E esta admissão significa, no fundo, a admissão de que realidade é ficção, e ficção é realidade (FLUSSER, 1966a, s/p).

Ao abordar a ficção pela perspectiva da fenomenologia e da ontologia, Flusser proclama que ficção é realidade, e vice-versa. No entanto, como é característico de seus textos, ele realiza uma especulação poética:

Mas notem bem: quem se finge de louco, está louco. Hamlet se finge de louco — mas sua ficção é, por isto mesmo, realidade. De tanto fingir-se de louco, prova Hamlet que é louco. De tanto fingirmos acreditar na ficção da vivência e da razão, acabamos perdendo a fé na realidade. A sensação do absurdo e o cogumelo atômico estão aí para prová-lo (FLUSSER, 1966a, s/p).

Dirk Heinrich (2011) correlaciona a citação acima de Flusser com o estudo de Jacques Derrida sobre a *História da Loucura* de Michael Foucault. Nas palavras de Heinrich (ibid., p. 73) “todo sujeito falante precisa evocar a loucura por dentro do pensamento e somente pode fazer isto na dimensão da possibilidade da linguagem da ficção e da ficção da linguagem”.

Dentre os enunciados flusserianos em *Da ficção*, o que merece destaque é o da igualdade entre realidade e ficção. Nas próximas páginas voltaremos a falar da superação da oposição entre esses conceitos. Por ora, devemos notar que Flusser propõe ficção e realidade são objetos ontologicamente equivalentes.

A ficção flusseriana e indagações circunvizinhas

Após elucidar o que é a ficção em Flusser, iremos explicar a ficção flusseriana sob a perspectiva de diversos pesquisadores. Visto que a realidade é definida pela projeção de diversas ficções, então a nossa estratégia aqui será refletir a realidade da ficção flusseriana mediante o exercício do discurso de diversas ficções que foram elaboradas após os textos de Flusser. Em outras palavras, o propósito aqui é expor a ficção flusseriana com base nas projeções ficcionais elaboradas por outros pesquisadores.

Krause (2008), no capítulo *Ciência como ficção* do livro *Vilém Flusser: uma introdução*, discute a relação entre ciência e ficção com base na ficção flusseriana. Krause (ibid., p. 125) diz que “todas as palavras são espécies de ficção”, pois recorremos a elas para substituímos a ausência das coisas e dos sentimentos. Contudo, para o pesquisador (ibid.) o real problema da ficção “não é apenas um problema literário: ele é, na verdade, o coração de todos os problemas filosóficos”. Com isso, Krause verifica o que há de ficção na ciência:

A ciência sabe que não pode observar ou experimentar todas as coisas, por todo o tempo, em todas as variáveis possíveis. Ela não tem como dizer como a natureza é, mas apenas como ela seria se, por hipótese, considerássemos que o ângulo restrito da nossa observação fosse suficiente. A hipótese científica já é uma espécie de ficção dedutiva. O físico realiza um experimento sobre o movimento desconsiderando, por exemplo, a força da gravidade ou a resistência do ar. Essa desconsideração, designada pela expressão latina *ceteris paribus*, que significa “tudo o mais sendo invariável”, não deixa de ser outro exercício de ficção (KRAUSE, 2008, p. 126).

Em outra obra, *O livro da metaficção*, Krause (2010) define que qualquer fenômeno estético autorreferente é um exemplo de metaficção, a qual nada mais é do que uma ficção duplicada falando de si mesma ou contendo a si mesma. No decorrer da

exposição de suas teses neste livro, Krause rejeita a afirmação segundo a qual tudo é ficção e tudo é relativo. O pesquisador (ibid., p. 15) esclarece “que o real exista não é minha questão; logo, não posso dizer que tudo seja ficção”. Por outro lado, Krause (ibid.) comenta que “temos acesso ao real apenas através da mediação dos discursos; todo discurso elabora ficções aproximativas à realidade, portanto, todo discurso funda-se pela ficção logo, todo discurso é ficcional”.

Já no capítulo *Além da ficção* — do livro *A filosofia da ficção de Vilém Flusser* organizado por Krause (2011) — Schäffauer revela um descontentamento com críticos literários que tentam a todo custo diferenciar a ficção da realidade. Para Schäffauer (2011), na literatura, distinguir esses conceitos é contraditório pois rechaça o próprio objetivo da arte. O pesquisador (ibid., p. 221) questiona “por que os pesquisadores devem diferenciar rigorosamente ficção e realidade, se os artistas fazem exatamente o contrário, isto é: apagam ou confundem os limites entre ambas as áreas?”.

Schäffauer sinaliza que o problema não está no ato de distinguir os conceitos, uma vez que a distinção é uma operação válida no discurso científico. A grande questão se encontra no fundamentalismo gerado pela diferenciação de modo que diferenciar se algo é ficção ou realidade acaba por colocar os dois conceitos como contradições irreconciliáveis. Por isso que o pesquisador prefere pensar o ato de distinguir pela perspectiva da arte:

A arte consiste justamente no contrário, ou seja, na multiplicação e até na colisão de diferentes pontos de vista — ou numa polifonia, como diria Bakhtin —, e a sua valorização de maneira alguma é equivalente a um sistema pseudo-objetivo de valores simples que se poderia reduzir a palavras tão errôneas como “falso” ou “concreto” (SCHÄFFAUER, 2011, p. 223).

O autor ainda comenta que, já há algum tempo, não tem mais interesse por ponderações que optam pela distinção entre ficção e realidade, nas suas palavras (ibid., p. 225) “a diferenciação, no fim das contas, me pareceu pouco produtiva”. Logo, ele escolheu desfrutar da ficção flusseriana para ir além e superar a dicotomia ficção-realidade, pois a conclusão de Flusser (1966a) de que não existe diferença alguma entre ficção e realidade e que os conceitos são equivalentes é provocante, isso porque a “ficção seria a única realidade acessível” (ibid., p. 227). O autor continua a sua linha de

raciocínio e explica a enigmática frase de Flusser que encerra o artigo: “A sensação do absurdo e o cogumelo atômico estão aí para prová-lo”:

Podemos derivar desta frase lacônica que a radicalidade do pensamento de Flusser parte da ameaça nuclear e da experiência da sua força aniquiladora para determinar a nova qualidade de sensação do fictício. Em todas as épocas anteriores, a ficção se via perante a realidade, o que se abandona quando Wittgenstein conclui que “a ficção é a única realidade” (SCHÄFFAUER, 2011, p. 227).

Em seguida, esse autor propõe um modelo abstrato para a ficção flusseriana. Esse modelo tem por finalidade exemplificar como Flusser pensou a relação entre ficção e realidade. Shäffauer (ibid., p. 231) diz que o modelo é “válido para ilustrar as contradições inerentes do enunciado “ficção é realidade”, porém é insuficiente para explicar a filosofia da ficção de Flusser”. Por esse motivo, o modelo do pesquisador cumpre com a função de representar visualmente um ponto de vista da ficção flusseriana e de expor o mecanismo pelo qual olhamos para algumas ficções como realidades.

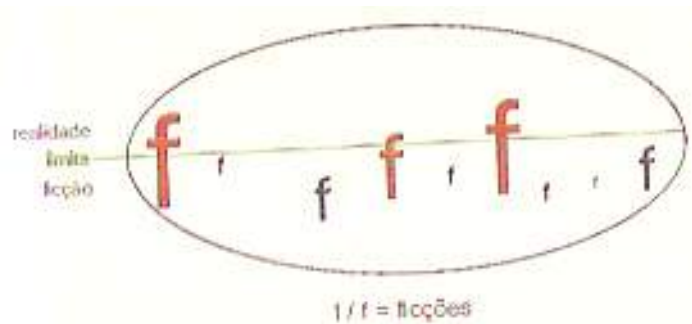


Figura 1. Modelo abstrato da ficção flusseriana sugerido por Shäffauer (2011).

No modelo acima, Shäffauer estipula que “f” é uma certa quantidade de ficções de que dispomos no mundo, visto que, para Flusser, todos os acessos ao mundo são modos ficcionais. No entanto, “f” manifesta diversas ocorrências que são oriundas de diferentes naturezas e é por isso que algumas ficções são vistas como realidades — as realidades são representadas pelo “f” maior e vermelho —, embora estas ainda se constituam de ficções. A partir desse modelo, o pesquisador (ibid., p. 231) afirma que “estamos dispostos a olhar para algumas ficções como realidade, então a realidade é o resultado de uma determinação convencional em ocultar a ficcionalidade da ficção”.

Além das considerações de Krause e Shäffauer sobre a ficção flusseriana, comentaremos sobre os livros *Vampyroteuthis Infernalis* — de Flusser e Bec (2011[1987]) — e *O explorador de abismos: Flusser e o pós-humanismo* — de Felinto e Santaella (2012). A primeira obra é um ótimo caso de uma ficção filosófica proposta por Flusser. Já a segunda obra é uma pesquisa que confronta o vasto diagrama conceitual de Flusser com discussões contemporâneas. Ambos os livros contribuem para esclarecer a ficção flusseriana e aproximar esta da fenomenologia alienígena.

Na obra *Vampyroteuthis Infernalis*, Flusser coloca a sua concepção de ficção a serviço da filosofia. O filósofo narra e filosofa a respeito do Vampyroteuthis, um animal raro que vive em regiões abissais. Esse animal existe na realidade e Flusser aproveita da mistura entre ficção, realidade, filosofia e ciência para construir a sua ficção filosófica. Flusser olha para o Vampyroteuthis e identifica vários traços da nossa própria existência. Essa filosofia ficcional confronta de forma mútua o animal abissal e o humano. Krause diz que Flusser elabora um jogo de reflexões com espelhos deformantes, no qual o “jogo reflete reflexões, mas de fora para dentro, em reviravoltas aninhadas, levando-nos a descobrir nossa própria estrutura existencial pelo ponto de vista mais distante possível” (Flusser e Bec, 2011, p. 8). De modo geral, o intuito de Flusser neste livro é relacionar a existência humana e a vampyrotêuthica no mundo, ele avalia:

Aliás, se consideramos a existência humana e vampyrotêuthica, passa a ser óbvio que ambas são o produto do puro acaso, do método da “tentativa e erro”. Tanto no nível biológico como no “espiritual”, somos os dois resultados de um acaso estúpido, seres imperfeitos cheios de defeitos. “Construções” pouco inteligentes. Por sermos imperfeitos, visamos a completar-nos um pelo outro (FLUSSER E BEC, 2011, p. 44).

Na realidade, olhar para o Vampyroteuthis significa ver um espelho que mostra as nossas próprias imperfeições distorcidas. Flusser (ibid.) argumenta que tanto nós quanto o Vampyroteuthis somos exilados: “ele no abismo, nós em terra firme. Vivemos, os dois, “situações de limite”. “Existimos”. Somos, os dois, pseudópodes que a vida expeliu do seu corpo, a fim de superar-se a si própria, somos, os dois, pontas da vida. Seres pensantes”.

O diferencial de Flusser está em conceber uma ficção filosófica que analisa e explora múltiplas questões das diferentes áreas das ciências. Percebemos o pensamento híbrido e interdisciplinar de Flusser quando ele diz:

Estamos falando de modelos e de metamodelos. De instrumentos. A questão da “verdade” não vem ao caso: será o darwinismo mais “verdadeiro” que o “lamarckismo”? A verdade é a relação entre uma afirmação e um fenômeno afirmado, mas o que interessa, em instrumentos, não é isto. O que interessa é se o instrumento resolve determinado problema. Darwin, Lamarck, Reich e a teoria dos jogos são válidos na medida em que conseguem resolver determinado problema (FLUSSER E BEC, 2011, p. 58).

É interessante notar o modo pelo qual Flusser usufrui da ficção e da ciência para criar uma filosofia ímpar. O escritor (ibid., p. 131) expõe que, para que o *Vampyroteuthis* possa agir e modificar o homem, é preciso que a fábula — outro nome para ficção filosófica — não se prenda exclusivamente às teias dos pesadelos e sonhos. Flusser defende que a ficção filosófica deve recorrer às redes das ciências, pois essas são os órgãos de que dispomos e que possibilitam a nossa orientação nas profundezas. Por fim, para Flusser (ibid.), “não é que tais fábulas devam ser “ficções científicas”, isto é: científicas a serviço de pesadelos e sonhos. Devem ser “ciências fictícias”, isto é: superação da objetividade científica a serviço de um conhecimento concretamente humano”.

Felinto e Santaella, no livro *O explorador de abismos: Flusser e o pós-humanismo*, também indagam a forma pela qual Flusser usa a ficção como instrumento de reflexão. Com base no artigo *Science Fiction* de Flusser (2471-X, s/data) — texto inédito a que Felinto e Santaella tiveram acesso no Arquivo Flusser na Universidade das Artes em Berlim —, os autores (2012, p. 67) dizem que, para o filósofo, a necessidade da utilização da ficcionalidade no pensamento científico é mais do que evidente nos dias atuais.

Além da superação da distinção entre ficção-realidade ou falsidade-verdade, Felinto e Santaella (ibid., p. 68) relatam que Flusser (2471-X, s/data, p. 1) defende que “a ciência é uma forma de ficção, exatamente porque ela seria inteiramente desinteressante se quisesse ser inteiramente verdadeira”. Os autores (ibid., p. 68) comentam que a *science fiction* (ficção científica) é “a redução da ciência ao absurdo

por meio da ficção, de modo a iluminar aspectos obscuros da verdade”. Os autores (ibid.) ainda apresentam a opinião de Flusser sobre a contribuição das tecnologias digitais para a ciência e a ficção:

[A] conclusão [de Flusser] indica que as tecnologias digitais inauguram uma época na qual a ficção pode novamente enriquecer a ciência: “Talvez as imagens de computador, fundadas nas equações da ciência, sejam as primeiras efetivas *science fiction* no sentido que aqui usamos dessa expressão? (2471-X, s/data, p. 2)” (FELINTO; SANTAELLA, 2012, p. 68).

Por fim, Felinto e Santaella delimitam a ficção flusseriana a partir da fábula *Vampiroteuthis Infernalis*. Os pesquisadores (2012, p. 166) justificam que a ficção flusseriana é filosófica, pois, “ao explorar a existência de um habitante dos abismos, colocou o humano face a face com aquilo que, ao nos parecer espetacularmente alienígena, revela semelhanças insuspeitadas com a nossa condição”. A questão amplia seu sentido à luz da fenomenologia alienígena é o próximo tópico a ser discutido.

A fenomenologia alienígena

A fenomenologia alienígena (*alien phenomenology*) proposta por Ian Bogost (2012) figura entre os estudos do novo movimento filosófico intitulado “realismo especulativo” — outros nomes para esse movimento são “filosofia orientada a objeto”, “ontologia orientada a objeto (OOO)” ou ainda “triplo O”. Santaella (2016, s/p) argumenta que o nome realismo especulativo funciona “apenas como um guarda-chuva que abriga uma série de autores com tendências distintas e que partem de gêneses também distintas”. Para destacar os principais autores do realismo especulativo, Santaella cita os seguintes nomes: Graham Harman, Ian Bogost, Levy Bryant, Ray Brassier, Steven Shaviro, dentre outros. Para a pesquisadora, os autores do realismo especulativo se fundamentam em filósofos consagrados como Badiou, Deleuze, Heidegger, Latour, Whitehead e outros. Assim sendo, Santaella (ibid.) identifica os quatros principais pontos que unem os autores da ontologia orientada a objeto:

a) A volta ao objeto. “Encontrar os objetos por trás das qualidades com que se apresentam a nós, e para além de sua nomeação. Um foco renovado na vitalidade, materialidade, autonomia, encanto e durabilidade dos objetos”.

b) O desprendimento da noção de objeto. Em que “tudo é objeto: galáxias, a tela deste computador, queijos na chapa, futebol, o ser humano e seus pensamentos, comandos, o litoral Norte etc. etc. Todos os objetos são iguais *qua* objetos, ontologicamente no mesmo plano”.

c) O rompimento das dicotomias com a ruptura radical das relações entre interior/exterior. “O que leva à abolição do binômio sujeito/objeto, pois não existe o pressuposto de um sujeito para estabelecer as linhas divisórias dessas relações”.

d) A negação do correlacionismo herdado de Kant, isto é, “o hábito dos humanos de pensar sobre as coisas apenas em termos dos efeitos que elas provocam em nós. Pensar a realidade para além do nosso pensamento é obrigatório”.

E é a partir da problematização do correlacionismo que Bogost argumenta sobre a sua fenomenologia no livro *Alien phenomenology: or what it is like to be a thing*. Ele (2012, p. 4) esclarece que o correlacionismo — explicado por Quentin Meillassoux — implica que os seres humanos e o mundo estão intrinsecamente ligados, isto é, um precisa do outro para existir. Para o pesquisador (ibid., p. 5), dentro do realismo especulativo “deve-se abandonar a crença de que o acesso humano encontra-se no centro do ser organizando-o e regulando-o como um relojoeiro ontológico”.

Outro ponto importante, identificado por Santaella, e que Bogost discute em seu livro, é a equivalência entre todas as coisas existentes. Segundo o autor a ontologia orientada a objeto (OOO) coloca os objetos no centro da existência e isto exige dizer que nenhum objeto tem status especial. Bogost (ibid., p. 6) diz que “nós humanos somos elementos, mas não elementos únicos” — vale enfatizar que a filosofia orientada a objeto não desconsidera a existência humana. O que os autores dessa corrente colocam é a equivalência entre tudo o que existe no mundo. O filósofo (ibid., p. 11) declara “todas as coisas existem igualmente, ainda que elas não existam de forma igual”.

O que é uma coisa, e que coisas existem? — essa é a pergunta que Bogost busca responder dado que o objeto (a coisa) é o epicentro da OOO. Com o propósito de demarcar qual é a noção de objeto utilizado no “triplo O”, Bogost explora os conceitos: *flat ontology* (ontologia plana ou ontologia achatada), *tiny ontology* (ontologia minúscula ou ontologia miúda) e unidade.

O pesquisador pega emprestado a noção de ontologia achatada desenvolvida por Levi Bryant, a qual circunscreve que todos os objetos apresentam um mesmo nível ontológico. Bogost diz que, para Bryant, uma ontologia é achatada quando não se faz distinção entre os tipos de coisas que existem e quando se consideram todas as coisas de forma igual. Bogost vai além quando diz:

Para Bryant (como para Latour), o termo objeto aproveita de um amplo espaço: contagem de entidades corpóreas e incorpóreas, quer se trate de objetos materiais, abstrações, objetos de intenção, ou qualquer outra coisa de natureza-quarks, Harry Potter, falas de conferencistas, whisky escocês de puro malte, Land Rovers, fruta de lichia, casos de amor, ponteiro diferenciador, Mike “The Situation” Sorrentino, Bósons, horticultores, Mozambique, Super Mario Bros., nenhum é “mais real” do que qualquer outro (BOGOST, 2012, p. 12).

“O poder da ontologia achatada vem da sua indiscrição. Ela se recusa a distinguir e acolhe a todos para o templo da existência” afirma o autor (ibid., p. 19). Ainda com base em Bryant, Bogost (ibid., p. 23) afirma que para a OOO, um objeto é “simultaneamente uma parte de outro objeto e um objeto independente de direito próprio. As coisas são independentes de suas partes constituintes, permanecendo dependentes deles”. Em outras palavras, o objeto é tanto parte integrante de outros objetos quanto um objeto em si mesmo. Um objeto é — ao mesmo tempo — independente e dependente com relação aos outros objetos.

Já a ontologia minúscula para Bogost (ibid., p. 21-22) significa uma massa densa de tudo contido integralmente mesmo quando são espalhadas de forma desorganizada ou organizada logicamente como uma rede. Isto é, a ontologia minúscula representa uma malha composta por objetos que estão organizados e estruturados de forma sistemática e caótica. Felinto e Santaella (2012, p. 151) refletem que a ontologia minúscula de Bogost sugere “uma abordagem da realidade na qual todas as coisas possuem o mesmo estatuto ontológico, mas também se mantêm fechadas no recesso

de sua singularidade”. Bogost (2012, p. 23) diz que as “coisas são tanto comuns e estranhas, quanto grandes e pequenas, bem como concretas e abstratas”. Contudo, o pesquisador alerta que precisamos caracterizar os objetos de forma mais eficiente. Santaella (2013b, s/p) acrescenta que a ontologia miúda engloba “tudo: da matéria física às propriedades, dos mercados aos símbolos. A densidade do ser é tanta que o torna promíscuo, sempre tocando quaisquer outras coisas, sem se importar com as diferenciações”.

Outro tópico que Bogost aborda é a utilização do termo unidade como um sinônimo de objeto e coisa. O autor avisa que o termo objeto causa confusão, pois, na maioria dos casos, o conceito de objeto aponta para um sujeito e a união entre sujeito e objeto é o coração do correlacionismo. Por outro lado, o termo coisa, apesar de incluir uma concepção concreta e/ou abstrata, é uma expressão que carrega um forte fator histórico filosófico. Por exemplo, Bogost (2012, p. 24) menciona que a concepção de Kant da coisa em si mesma é um elemento desconhecido e que deve ser deduzido por meio da experiência.

Portanto, Bogost (ibid., p. 25) defende que o conceito de unidade é ambivalente e representa sincronicamente algo isolado, unitário e específico. Unidade não é simplesmente uma parte do todo. O pesquisador comenta que o conceito de unidade desenvolvido pela teoria dos sistemas procura explicar os fenômenos como efeitos emergentes, que são originários de ações autônomas de interligações entre as partes de um sistema. Em seguida, Bogost explica

unidades são entidades isoladas pressas juntas dentro de outras unidades, esfregando-se desconfortavelmente os ombros umas com as outras sem nunca se sobrepor. Uma unidade nunca é um átomo, mas um conjunto, um grupo de outras unidades que atuam juntas como em um sistema; a operação da unidade é sempre fractal (BOGOST, 2012, p. 28).

Diante da reflexão a respeito da liberalização da noção de objeto, coisa e unidade, Bogost delimita a fenomenologia alienígena. O autor (ibid., p. 33) diz ser necessário fundamentar um método para a filosofia orientada a objeto a partir de um universo desconhecido. Em seu discurso, ele (ibid., p. 34) analisa pesquisas relacionadas ao estudo do espaço e diz que, de acordo com Nicholas Rescher, os extraterrestres

“são talvez tão estranhos que a ciência e a tecnologia deles é incompreensível para nós; nós nunca conseguiríamos entender isto como inteligência”.

Destarte, o método, que Bogost propõe, tem por função especular as coisas existentes pela perspectiva do desconhecido. Em outras palavras, a fenomenologia alienígena procura refletir tudo o que existe em nossa volta sob a óptica do alienígena (estrangeiro). Nas palavras de Bogost (ibid., p. 34) *alien (alienígena)* “não se limita a uma outra pessoa, ou mesmo uma outra criatura. Alienígena é qualquer coisa e tudo, e todo o resto”.

Felinto e Santaella (2012, p. 152) adicionam que “compõe, ainda, o percurso da fenomenologia alienígena um deixar-se impactar pela materialidade do mundo. O que se almeja é uma entrega à colisão com a matéria das coisas antes de qualquer tentativa de interpretação”. Por fim, Bogost (2012, p. 34) afirma: “o verdadeiro alienígena recua interminavelmente, ao mesmo tempo que nos rodeia completamente. Isto não está escondido na escuridão exterior do cosmos ou na plataforma em alto-mar, mas à vista de todos, em toda parte, em tudo”.

Considerações finais

Após discutir a ficção flusseriana e a fenomenologia alienígena de forma isolada chegou o momento de elaborar uma síntese comparativa entre ambas as concepções. Vale lembrar que a ficção flusseriana é singular porque Flusser propõe a equivalência entre ficção e realidade. Isto se relaciona a afirmação de Bogost de que, no triplo O, tudo o que existe é objeto e que todos os objetos estão em posição de igualdade ontologicamente. Portanto, ficção e realidade são ontologicamente iguais. Outro ponto de interseção entre o realismo especulativo e a ficção flusseriana é acerca da quebra das dicotomias, identificada quando a ficção flusseriana supera os binômios ficção-realidade e sujeito-objeto.

Outra convergência entre o legado teórico de Flusser e os estudos do realismo especulativo é encontrada no conceito de alienígena de Bogost. Para o pesquisador, *alien*, como vimos, é qualquer coisa e tudo ao mesmo tempo. À vista disto, a aproximação entre o *alien* de Bogost e o *Vampiroteuthis* se torna admissível. Neste, o

filósofo intercala realidade e ficção para analisar as convergências e as divergências entre a existência humana e a vampyrotêuthica. Com isso, coloca em prática o que ele chama de “ciências fictícias”, isto é, a ciência a serviço da ficção e não uma ficção em função da ciência (ficção científica). Flusser faz filosofia a partir de uma ficção e investiga uma infinidade de questões do mundo a partir de um ser desconhecido (*alien*). Se a fenomenologia alienígena tem por missão especular tudo o que existe por um olhar do estrangeiro, então podemos dizer que Flusser fez algo muito semelhante a isto na sua.

Como vimos, o vasto legado teórico de Flusser contribui com os estudos do realismo especulativo. Os desdobramentos são infinitos. No artigo *Do espelho*, Flusser (1966b) comenta que “especulação” vem da palavra espelho o qual reflete a realidade, mas que também a inverte. Já Bogost (2012, p. 34) argumenta que o realismo especulativo realmente precisa de especulação. Precisamos especular os objetos incompreensíveis para amplificar o ruído negro deles. Bogost (ibid.) conclui que o “nosso trabalho é escrever ficção especulativa” a respeito dos processos e operações unitárias dos objetos. Arrisco dizer que os autores do realismo especulativo aceitariam muito bem a proposta de Flusser de que realidade é ficção e ficção é realidade.

Referências

BOGOST, Ian. *Alien phenomenology: or what it is like to be a thing*. Minneapolis, University of Minnesota Press, 2012.

FELINTO, Erick; SANTAELLA, Lucia. *O explorador de abismos: Flusser e o pós-humanismo*. São Paulo: Editora Paulus, 2012.

FLUSSER, Vilém. *Da ficção*. Ribeirão Preto: Jornal o Diário de Ribeirão Preto, 1966a.

_____. *Do espelho*. São Paulo: O Estado de São Paulo, 1966b.

_____. *Da religiosidade: a literatura e o senso da realidade*. São Paulo: Escrituras, 1967.

_____. *Science fiction*. Arquivo Flusser: (2471-X), s/data.

_____; BEC, Louis. *Vampyroteuthis infernalis*. São Paulo: Annablume, 2011.

HRNNRICH, Dirk. Ficção e loucura em Vilém Flusser e Fernando Pessoa. In: KRAUSE, Gustavo (Org.). *A filosofia da ficção de Vilém Flusser*. São Paulo: Annablume, 2011.

KRAUSE, Gustavo Bernardo. Ciência como ficção. In: KRAUSE, Gustavo Bernardo; FINGER, Anke; GULDIN, Rainer. *Vilém Flusser: uma introdução*. São Paulo: Annablume, 2008. p. 125-143.

_____. *O livro da metaficção*. Rio de Janeiro: Tinta Negra, 2010.

_____. *A Filosofia da Ficção de Vilém Flusser*. São Paulo: Annablume, 2011.

LEÃO, Maria Lília. Pessoa-pensamento no Brasil. In: KRAUSE, Gustavo; MENDES, Ricardo (Org.). *Vilém Flusser no Brasil*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1999.

SANTAELLA, Lucia. *Flusser: um pensador visionário*. In: *Flusser Studies 15*, 2013a.

_____. *A virada especulativa do realismo*. Grupo de pesquisa: TransObjetoO. 2013b. Disponível em: <<https://transobjeto.wordpress.com/2013/07/30/a-virada-especulativa-do-realismo/>> Acesso em: 19 jul. 2016.

_____. *As artes contemporâneas & o realismo especulativo*. Grupo de pesquisa: TransObjetoO. 2016. Disponível em: <<https://transobjeto.wordpress.com/2016/04/26/as-artes-contemporaneas-o-realismo-especulativo/>>. Acesso em: 12 jul. 2016.

_____; VIEIRA, Jorge de Albuquerque. *Metaciência como guia de pesquisa: uma proposta semiótica e sistêmica*. São Paulo: Mérito, 2008.

SCHÄFFAUER, Markus. Além da ficção. In: KRAUSE, Gustavo (Org.). *A filosofia da ficção de Vilém Flusser*. São Paulo: Annablume, 2011.